

**TRADUÇÃO DE UMA DISPUTA: CHRISTOPHE VERSUS PÉTION EM LA
TRAGÉDIE DU ROI CHRISTOPHE, DE AIMÉ CÉSAIRE**

Maikete de Farias Azevedo¹

Beatriz Cerisara Gil²

Pourquoi le Nègre croît-il que seules la douleur et la souffrance permettent la délivrance ? (LOE-MIE, Françoise James, 2002)^[1]

RESUMO: Esta contribuição propõe a tradução comentada da primeira cena da peça de teatro *La Tragédie du roi Christophe* (*A tragédia do rei Christophe*), de Aimé Césaire. O texto foi publicado pelo autor martinicano em 1963 e encenado a partir de 1964. A história aborda o embate histórico entre os dois líderes revolucionários haitianos, Alexandre Pétion (1770-1818) e Henry Christophe (1767-1820), após o estabelecimento da independência do Haiti, em 1804. O ex-escravizado Henry Christophe I, autoproclamado rei do Haiti em 1811, protagoniza, na peça, os impasses políticos decorrentes do processo de descolonização para a constituição de um novo estado haitiano livre e democrático. Optamos por traduzir a cena que anuncia e ilustra, na abertura do primeiro Ato, o caráter trágico que permeia o desenrolar dos eventos.

PALAVRAS-CHAVE: Aimé Césaire; tragédia; descolonização Haiti; tradução.

ABSTRACT: This contribution proposes the commented translation of the first scene of the play *La Tragédie du roi Christophe* (*The tragedy of King Christophe*), by Aimé Césaire. The text was published by the Martinican author in 1963 and staged from 1964 onwards. The story addresses the historical clash between the two Haitian revolutionary leaders, Alexandre Pétion (1770-1818) and Henry Christophe (1767-1820), after the establishment of Haitian independence in 1804. The ex-enslaved Henry Christophe I, self-proclaimed King of Haiti in 1811, stars, in the play, political impasses resulting from the decolonization process, for the constitution of a new free and democratic Haitian state. We chose to translate the scene that announces and illustrates, in the opening of the first Act, the tragic character that permeates the unfolding of events.

KEYWORDS: Césaire; tragedy; independence; Haiti; translation.

¹ Graduanda em Letras-UFRGS.

² Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sobre Aimé Césaire, o Haiti e a Tragédia do Rei Christophe

Aimé Fernand David Césaire foi um escritor, político e professor nascido na Martinica, em 1913. Vindo de Basse-Pointe, fez seus estudos universitários em Paris, onde, reunido com diversos outros autores negros e africanos, criou a revista *L'Étudiant Noir*. Nesse espaço de trocas nasceu e cresceu o Movimento da Negritude, que teve como principais fundadores Aimé Césaire, o senegalês Léopold Sédar Senghor e o guianense Léon-Gontran Damas.

A história de Césaire com o Haiti começa a partir de uma viagem sua feita ao país, em 1944. Após essa estadia de alguns meses, tendo se encantado pela nação, Césaire pode perceber como a chamada Revolta de São Domingos, ou Revolução Haitiana, que foi a maior revolta bem-sucedida de escravizados no mundo colonial, ainda estava viva na memória do povo haitiano.

[...] a vida dos colonizados da África, das vítimas de uma feroz segregação nos Estados Unidos, ou dos submissos povos caribenhos, conservou no Haiti toda a sua carga simbólica: um povo que, sozinho contra todos, se libertou da escravidão (Conversations sur Haiti avec Césaire, 2008)^[2]

Segundo o historiador James (2010), no ano em que se inicia a Revolução Francesa, a então colônia de São Domingos representava dois terços do comércio exterior da França e era o maior mercado de tráfico negreiro europeu, pois os ganhos provenientes da colônia eram parte integral da vida econômica da época, fazendo de São Domingos, segundo James “a maior colônia do mundo, o orgulho da França e a inveja de todas as outras nações imperialistas”. Entretanto, isso só era possível graças à sua estrutura sustentada pelo trabalho de meio milhão de escravos.

A Revolução Haitiana, ocorrida entre 1791 e 1804, teve como uma de suas principais causas a expectativa de libertação dos negros escravizados, durante a Revolução Francesa, em 1789, com a publicação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, segundo a qual todos os homens eram livres e iguais em seus direitos fundamentais.

A independência do Haiti constituiu, assim, um duro golpe para o sistema colonial e uma irreparável perda para a metrópole. Em 1825, através de um acordo que exigiu uma série de reparações aos proprietários expropriados, a França reconheceu o Haiti como país independente, porém com o cumprimento deste acordo, a economia e a infraestrutura local haitiana foram destruídas, tornando o país o mais pobre da América Latina, posto que ocupa ainda hoje. Contudo, o Haiti não esqueceu das suas lutas pela descolonização e dedica o dia 1º

de janeiro para a celebração da independência do país e o 2 de janeiro aos heróis de sua revolução.

La Tragédie du roi Christophe, publicada em 1963, foi encenada pela primeira vez em 1964, sob a direção de Jean-Marie Serreau, no Festival de Salzbourg. A peça foi traduzida para o português em 2016 por Sebastião Nascimento em uma coleção projetada pelo PPGAS UNICAMP e publicada pela editora Huya. Esse é o segundo texto de Césaire que trata da história colonial do Haiti, tendo sido precedido neste tema pelo famoso ensaio *Toussaint Louverture, La révolution française et le problème colonial* (1962). *La Tragédie* divide-se em três atos, sendo cada ato precedido por um prólogo composto e havendo, entre um ato e outro, um intermédio; o primeiro intermédio, que comporta duas partes, ocorre entre o I e o II atos; o segundo e o último intermédio, entre os atos II e III, apresenta uma única cena.

Dentre suas manifestações e publicações sobre a revolução haitiana como possibilidade de construção de emancipação dos negros, A. Césaire comenta sobre sua própria produção, afirmando, em entrevista a Chraïbi^[3], que “a luta antes da independência é uma epopeia, uma vez conquistada a independência, começa a tragédia”; na peça, com efeito, o autor conta a tragédia de Henry Cristophe que, após as lutas de independência, recusa o título de Presidente da República concedido pelo Senado e decide estabelecer um reino no norte do país, enquanto Pétion instala ao sul a República sob sua liderança.

Sendo assim, a primeira cena da peça introduz o embate que permeia todo o enredo: enquanto Christophe defendia a construção de uma nação haitiana livre, ainda que fundada num regime monárquico inspirado na França, Pétion, ao sul, construiria uma República. Esta divisão dos líderes era também uma disputa entre negros descendentes diretamente de escravizados africanos e de negros mulatos. É importante apontar que no Haiti de 1800 existiam distinções entre as pessoas negras e as ditas pessoas mulatas. Essas distinções se apresentavam tanto no plano social quanto na língua. Pétion, por ser filho de um colono rico com uma mãe mulata, foi enviado para estudar na França, e Christophe, homem negro e ex-escravizado, era considerado um “*nègre à talent*”^[4] e, tendo sido servente de um hotel, utilizou-se dessa função para adquirir conhecimentos sobre as pessoas, o mundo e a língua francesa, além de ter o crioulo haitiano como língua materna.

O embate entre as duas figuras históricas, representado na primeira cena da peça, anuncia algumas de suas divergências de ordem política em relação à refundação do Haiti independente. Ambos proporcionaram diversas mudanças no novo país após a Independência.

Pétion promoveu a queimada das plantações, assim como uma reforma agrária, transformando profundamente a economia da ex-colônia.

A República de Pétion distribui parcelas (de terras) por razões práticas de estabilidade política. Dentro dessa mesma orientação pragmática, o Estado que Pétion dirige [...] aceita a negociação com a antiga metrópole e solicita inclusive que autorize a sua existência, levantando assim o enorme problema de sua legitimidade como estado nacional. (CASIMIR, 2009).

O projeto de nação de Henry Christophe, como a do seu antecessor, Toussaint Louverture, previa a reconstrução do país através da monocultura, o que já estava provado ser um erro diante dos ex-escravizados. A monocultura da cana ainda significava o restabelecimento do trabalho escravo e o povo não aceitava este retorno. O rei promoveu a construção da Cidadela Laferrière e do Palácio Sans Souci, construções grandiosas que marcaram a tentativa de construção de um império haitiano após as revoltas, porém, rejeitou o princípio de uma negociação com a França para o reconhecimento da independência, tentando a criação de um estado soberano em que a autoridade política suprema deveria se submeter somente a sua própria lei. Depois de 20 anos de reinado, no entanto, a promessa de soberania não frutificou, e Christophe morreu sem ver sua nação finalmente reconstruída.

Ainda em sua entrevista com Chraïbi, A. Césaire afirma que sua peça respeita "escrupulosamente a história e os eventos, a ponto de muitas das palavras ditas por Christophe serem históricas e às vezes até relatadas como foram ditas". Com efeito, o leitor identifica facilmente muitos elementos históricos e culturais do Haiti neste teatro. No plano da história, temos o enquadramento bastante preciso de uma cronologia e articulação de eventos dos quais participam Christophe e Pétion, como já mencionamos. Em relação aos aspectos culturais, cabe ressaltar um dos mais fortes da obra: o vodu haitiano, religião que está intrinsecamente ligada à vida cotidiana dos haitianos e que se relaciona com a utilização da língua crioula. Césaire faz uso dos dois aspectos nesta primeira cena da peça nas interjeições "Foutre tonnerre!" que retomam o loá Shango, deus dos raios. O autor afirma ainda que "Christophe é a representação do deus Xangô, o grande deus do céu, da mitologia do Daomé, do Brasil e do Haiti." [5]

Do ponto de vista de algumas questões práticas de escolhas tradutórias citamos a tentativa de manter o texto objetivo, pois a escrita de A. Césaire é concisa e apresenta frases curtas que dão certo ritmo no original em francês. A musicalidade do texto não cessa nos discursos dos personagens; a obra é repleta de sonoridades, ora a partir de músicas - como é o caso da cena em que ocorre a sagração do rei que é oficiada pelo arcebispo em latim, mas os cantos se transformam em hino ao loá Shango (Ato I, cena 4) - ora através do uso do crioulo que marca

principalmente as interjeições e os cantos presentes no texto. Ainda quanto a esse aspecto, a peça apresenta um texto denso e carregado de referências que obrigam o tradutor a se utilizar do corpo do texto ou de notas de rodapé para explicar as alusões à cultura haitiana. Na tradução de Nascimento de 2016, o tradutor opta pelo uso de diversas notas para conceder ao leitor maior entendimento sobre a obra e conseqüentemente sobre o Haiti. Em nossa tradução, optamos por adaptar algumas expressões ligadas à cultura francesa como, por exemplo, no original, o termo *jacquemart* – nome dado ao boneco articulado que bate as horas nos sinos de relógios monumentais – que foi traduzido aqui como “afável autômato”.

Na obra original o autor mantém um discurso formal através da utilização do pronome pessoal *vous* nos diálogos entre personagens, traduzida aqui por “vossa” e “vos”. Esta utilização é comum às hierarquias presentes nesse contexto histórico. Assim como optou-se pela utilização de mesóclises quando seu uso era opcional na intenção de manter o texto rebuscado retomando não apenas a formalidade dos discursos dos chefes de estados, mas também o estilo próprio do autor. Deste modo, o maior desafio foi, portanto, reconstruir em português brasileiro um debate histórico que expressava toda a contundência das divergências entre os protagonistas.

TRADUÇÃO

ORIGINAL – FR	TRADUÇÃO – PT/BR
LA TRAGÉDIE DU ROI CHRISTOPHE	A TRAGÉDIA DO REI CHRISTOPHE
<i>Tout ce premier acte est en style bouffon et parodique, où le sérieux et le tragique se font brusquement jour par déchirures d'éclair.</i>	<i>Todo este primeiro ato é encenado em estilo bufão e paródico, onde o sério e o trágico de repente vêm à luz pelas fissuras de relâmpagos.</i>

<p>SCÈNE 1</p> <p>PÉTION</p> <p>En votre qualité d'ancien compagnon de Toussaint Louverture, en votre qualité de plus ancien divisionnaire de l'armée, le Sénat, par un vote unanime, vous confie la Présidence de la République.</p>	<p>CENA 1</p> <p>PÉTION</p> <p>Em vossa qualidade de antigo companheiro de Toussaint Louverture e de mais velho divisionário do exército, o Senado, por voto unânime, vos confia a Presidência da República.</p>
<p>CHRISTOPHE</p> <p>La loi est formelle. La place, en effet, me revient. Mais ce que la loi fondamentale de la République me donne, une loi votée dans ces conditions de légalité douteuse me le reprend.</p> <p>Le Sénat me nomme président de la République, parce qu'il y aurait danger à me frotter à rebrousse-poil, mais la fonction, il la vide de sa substance et mon autorité de toute moelle. Oui, oui, mes maîtres, je le sais, que, dans votre Constitution, Christophe ne serait rien d'autre que le gros bonhomme de bois noir, le jacquemart débonnaire occupé à frapper de son épée dérisoire et pour l'amusement des foules, les heures de votre loi sur l'horloge de son impuissance !</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>A lei é uma formalidade. Esta posição, de fato, me pertence. Mas aquilo que a lei fundamental da República concede-me, uma lei votada em condições de legalidade duvidosa me retira.</p> <p>O Senado nomeia-me Presidente da República, porque seria arriscado empurrar-me para o sentido contrário, mas a função, ele a esvazia de sua substância, assim como tira o miolo de minha autoridade. Sim, sim, meus senhores, eu sei que, em vossa Constituição, Christophe não será nada mais que o grande boneco de madeira negra, o afável autômato que tem como ocupação somente golpear, com sua espada ridícula, as horas de vossa lei no relógio de sua impotência para o deleite das multidões!</p>

<p>PÉTION</p> <p>Vous rendez mauvaise justice au Sénat !</p> <p>A vouloir scruter le lait frais de trop près, on finit par y découvrir des poils noirs ! La magistrature que nous vous offrons garde lustre et importance. C'est la plus haute de la République. Quant aux modifications que le Sénat a cru devoir apporter à la Constitution, je ne nierai pas qu'elles diminuent les pouvoirs du président, mais il ne vous échappera pas non plus que pour un peuple qui vient de subir Dessalines, le danger le plus redoutable s'appelle d'un nom : la tyrannie. Et en vérité, le Sénat eût été impardonnable de ne pas prendre contre la menace toujours suspendue sur nos têtes les mesures de sauvegarde qui s'imposent !</p>	<p>PÉTION</p> <p>Vós fazeis mal juízo do Senado!</p> <p>Querendo examinar o leite fresco muito de perto, acabamos por descobrir pelos nele! A magistratura que vos oferecemos mantém lustro e importância. É a mais alta honra da República. Quanto às modificações que o Senado pensou que devia trazer à Constituição, eu não negarei que elas diminuem os poderes do Presidente, mas não deve lhe passar despercebido que para um povo que acabou de sofrer com Dessalines, o perigo mais aterrador tem um nome: tirania. E na verdade, ao Senado teria sido imperdoável se não tomasse, contra a ameaça que ainda paira sobre nossas cabeças, as medidas de proteção necessárias!</p>
<p>CHRISTOPHE</p> <p>Je ne suis pas un mulâtre à tamiser les phrases. Je suis un soldat, un vieux prévôt de salle et je vous le dis tout net : le changement apporté à la Constitution par le Sénat constitue une mesure de défiance contre moi, contre ma personne ; une mesure à laquelle ma dignité ne me permet pas de souscrire.</p> <p>Tonnerre ! Un pouvoir sans croûte ni mie, une rognure, une râclure de pouvoir, voilà ce que vous m'offrez, Pétion, au nom de la République !</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>Eu não sou um mulato para ficar peneirando minhas palavras. Eu sou um soldado, um velho capitão e vos digo francamente: a mudança feita na Constituição pelo Senado constitui uma medida de desconfiança contra mim, contra minha pessoa; uma medida que minha dignidade não me permite subscrever.</p> <p>Raios! Um poder sem casca nem miolo, um recorte, uma lasca de poder, eis o que vós me ofereceis, Pétion, em nome da República!</p>

<p>PÉTION</p> <p>Je regrette de m’être mal fait comprendre. J’ai parlé <i>principes</i> et vous vous obstinez à parler de votre personne. Mais il faut en finir ! Est-ce là la réponse que je dois rapporter au Sénat ?</p>	<p>PÉTION</p> <p>Lamento por não me fazer entender. Eu falei <i>princípios</i> e vós vos obstinais em falar de vossa pessoa. Mas vamos acabar com isso! É esta a resposta que devo reportar ao Senado?</p>
<p>CHRISTOPHE</p> <p>Comme Pétion serait heureux de me prendre au mot !</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>Como Pétion ficaria contente de aceitar minha resposta sem ressalvas!</p>
<p>PÉTION</p> <p>Et pourquoi dites-vous cela ?</p>	<p>PÉTION</p> <p>E por que dizeis isso?</p>
<p>CHRISTOPHE</p> <p>Parce que Pétion est intelligent, très intelligent et ne peut s’empêcher de penser que si Christophe refuse le pouvoir, c’est à Pétion qu’il sera offert !</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>Porque Pétion é inteligente, muito inteligente e não consegue deixar de pensar que se Christophe recusa o poder é para Pétion que ele será oferecido!</p>
<p>PÉTION</p> <p>Diable ! Pourquoi accepterais-je ce que vous dédaignez ? Ce que vos dents agacées rejettent comme un âcre sauvageon, pourquoi ma bouche l’apprécierait-elle comme une pomme douce ?</p>	<p>PÉTION</p> <p>Por que diabos eu aceitaria o que vós desdenhais? Por que minha boca apreciaria como uma doce maçã o que vossos dentes crispados rejeitam feito um menino selvagem e amargo?</p>

<p>CHRISTOPHE</p> <p>C'est que Pétion est intelligent. Très intelligent ! Dès que le mulâtre Pétion aura accepté le pouvoir vide qu'en effet vous m'offrez, le miracle se produira. Nos bons amis du Sénat, les mulâtres de Port-au-Prince s'emploieront merveilleusement à jouer les fées compatissantes et d'un ample douaire à lui remplir la corbeille. Prenez, Pétion, prenez ! Vous verrez, ce sera la sébile merveilleuse !</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>É que Pétion é inteligente. Muito inteligente! Assim que o mulato Pétion tiver aceito o poder vazio que me é ofertado, o milagre acontecerá. Nossos bons amigos do Senado, os mulatos de Porto-Príncipe, trabalharão maravilhosamente como fadas compassivas e darão um grande dote para lhe encher o bolso. Pegue, Pétion, pegue! Vereis, essa será uma esmola maravilhosa!</p>
<p>PÉTION</p> <p>En sorte que...</p>	<p>PÉTION</p> <p>De modo que...</p>
<p>CHRISTOPHE</p> <p>En sorte que la modification de la Constitution n'est qu'un moyen grossier de m'écarter du pouvoir sous couleur de me le confier !</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>De modo que a modificação da Constituição nada mais é do que um meio grosseiro de me afastar do poder sob o pretexto de confiá-lo a mim!</p>
<p>PÉTION</p> <p>Et vous vous laissez écarter !</p>	<p>PÉTION</p> <p>E vós vos deixais afastar!</p>

<p>CHRISTOPHE</p> <p>Foutre tonnerre ! Me laisser écarter, eh non, Pétion ! Lorsque vous enseignez à un macaque à jeter des pierres, il arrive à l'élève d'en ramasser une et de vous casser la tête ! Dites cela de ma part au Sénat. Il comprendra.</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>Raio que o parta! Deixar-me afastar, não, Pétion! Quando ensinai um macaco a atirar pedras, não demora para que ele apanhe uma e quebre sua cabeça! De minha parte, diga isso ao Senado. Ele compreenderá.</p>
<p>PÉTION</p> <p>Le Sénat comprendra qu'il n'a plus en face de lui qu'un général rebelle !</p>	<p>PÉTION</p> <p>O Senado compreenderá que tem diante dele apenas um general rebelde!</p>
<p>CHRISTOPHE</p> <p>Et puis cela n'a pas d'importance ! Si vous voulez une réponse officielle, une réponse noble comme les aiment nos Sólons et nos Lycurgues de Port-au-Prince, dites-leur que je regrette qu'en la circonstance, et par esprit d'animosité contre ma personne, ils n'aient compris qu'à l'heure actuelle et au milieu de nos traverses le plus grand besoin de ce pays, de ce peuple qu'il faut protéger, qu'il faut corriger, qu'il faut éduquer, c'est...</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>E então isso não importa! Se quereis uma resposta oficial, uma resposta nobre, como gostam nossos Sólons e Licurgos de Porto-Príncipe, diga-lhes que eu lamento que nessas circunstâncias e por conta do espírito de animosidade contra minha pessoa, eles não tenham sido capazes de compreender que, neste momento e em meio aos nossos obstáculos, a maior necessidade deste país, deste povo, que devemos proteger, que devemos corrigir, que devemos educar, é...</p>
<p>PÉTION</p> <p>La liberté.</p>	<p>PÉTION</p> <p>A liberdade.</p>

<p>CHRISTOPHE</p> <p>La liberté, sans doute, mais pas la liberté facile ! Et c'est donc d'avoir un État. Oui, Monsieur le philosophe, quelque chose grâce à quoi ce peuple de transplantés d'enracine, boutonne, s'épanouisse, lançant à la face du monde les parfums, les fruits de la floraison ; pourquoi ne pas le dire, quelque chose qui, au besoin par la force, l'oblige à naître à lui-même et à se dépasser lui-même. Voilà le message, un peu trop long sans doute, que je charge mon officieux ami de transmettre à nos nobles amis de Port-au-Prince.</p>	<p>CHRISTOPHE</p> <p>A liberdade, sem dúvidas, mas não a liberdade fácil! É então ter um Estado. Sim, senhor filósofo, ter algo através do qual este povo transplantado crie raízes, cresça, floresça, lançando na face do mundo os perfumes, as frutas da floração; por que não dizer, alguma coisa que, pela força, se necessário, o obrigue a nascer por si e a superar-se também por si? Esta é a mensagem, um pouco longa demais, eu reconheço, que encarrego meu amigo officioso de transmitir aos nossos nobres amigos de Porto-Príncipe.</p>
<p><i>(Ton terrible, contrastant avec la détente précédente.)</i></p>	<p><i>(Tom ameaçador contrastando com o relaxamento anterior.)</i></p>
<p>Pour le reste <i>(il tire son épée et la brandit)</i>, mon épée et mon droit !</p>	<p>Para tudo o mais <i>(ele pega sua espada e a brande)</i>, minha espada e meu direito!</p>

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lilian Pestre de. *O teatro negro de Aimé Césaire*. Rio de Janeiro: UFF, 1978, 185 p.
- CASIMIR, Jean. *Haiti et ses élites, L'interminable dialogue de Sourds*. Port-au-Prince : Edition de l'Université d'État d'Haiti, 2009.
- CÉSAIRE, Aimé. *La tragédie du Roi Christophe*. Paris : Présence Africaine, 1963, 155 p.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de Serafim Ferreira. Editora ULISSEIA limitada, Lisboa, 1961, 343 p.
- GUERINI, Andréia. TORRES, Marie-Hélène Catherine. COSTA, Walter (orgs.) *Literatura & tradução: textos selecionados de José Lambert* - Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. Trad. Afonso Teixeira Filho. 1ª ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

LAROCHE, Maximilien. *La littérature haïtienne. Identité, langue, réalité*. Montréal : Les Éditions Leméac, inc., 1981, 127 pp.

NICHOLLS, David. *Race, couleur et indépendance en Haïti (1804-1825)*. In: Revue d'histoire moderne et contemporaine, tome 25 N°2, Avril-juin 1978. pp. 177-212.

[1] Tradução própria: “Por que o negro crê que só a dor e o sofrimento trazem a libertação?”

[2] Tradução própria. Entrevista de Césaire à *Le Monde Diplomatique*. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/carnet/2008-04-19-Cesaire>

[3] Entrevista com Aimé Césaire realizada por Khalid Chraïbi, em abril de 1965, em Paris. Disponível em: <https://www.theatreonline.com/Spectacle/La-tragedie-du-roi-Christophe/56012#infospectacle>.

[4] Os "negros de talento" eram pessoas escravizadas, mas possuíam um ofício especializado e tinham sua mão de obra frequentemente contratada pelo patrão, conforme a necessidade, e recebiam uma parte dos ganhos do patrão.

[5] Tradução nossa. Entrevista com Aimé Césaire realizada por Khalid Chraïbi em abril de 1965 em Paris. Disponível em: <https://www.theatreonline.com/Spectacle/La-tragedie-du-roi-Christophe/56012#infospectacle>.

Recebido em: 01/10/2021

Aprovado em: 20/12/2021